



## A REDENÇÃO DE CAM: IMAGEM-DESPERTADOR E IDEOLOGIA DO BRANQUEAMENTO

### CAM'S REDEMPTION: THE AWAKENING IMAGE AND THE IDEOLOGY OF WHITENING

Maureci Moreira de Almeida<sup>1</sup>

#### RESUMO

A ideologia do branqueamento é uma das principais características do racismo no Brasil, e está na estrutura das relações sociais, atrelado basicamente ao aspecto referencial estético-fenotípico dos brasileiros. As reflexões tecidas neste artigo estão focadas na ideologia do branqueamento, e para tal, nos deteremos na obra “A redenção de Cam” (1895), do artista plástico espanhol Modesto Brocos (1852-1936). Tal obra foi amplamente utilizada por jornalistas, intelectuais e ideólogos do racismo no final do século XIX e início século XX, como forma de propagandear a necessidade de mudança racial da sociedade brasileira que consideravam demasiadamente negra. Segundo suas crenças racistas, o Brasil não avançava para um patamar elevado de civilidade e desenvolvimento econômico por ser atrasado justamente pela mistura de “raças”. Para compreender a influência da obra de Modesto Brocos ao propagandear a ideologia do branqueamento, vamos abordar topicamente alguns aspectos teóricos da imagem como forma de repercutir determinadas formas de pensar e conceber o Brasil. Especial atenção será dada à noção de imagem-despertador, seguindo as teorias de Rafael Mangana (2018), cujas ideias ajudam a compreender os impactos da obra de Brocos e sua “A Redenção de Cam”.

**PALAVRAS-CHAVE:** A Redenção de Cam. Ideologia do Branqueamento. Racismo.

#### ABSTRACT

The whitening ideology is one of the main characteristics of racism in Brazil and is in the structure of social relations, basically linked to the aesthetic-phenotypic aspect of Brazilians. The reflections woven in this article are focused on the whitening ideology, and for that, we will focus on the work "The Redemption of Cam" (1895) by the Spanish artist Modesto Brocos (1852-1936). This work was used by journalists, intellectuals, and ideologists of racism in the late 19th and early 20th centuries as a way to propagate the need for racial change in Brazilian society, which they considered too black. According to their racist beliefs, Brazil did not progress to a high level of civilization and economic development because it was held back by the mixture of "races". To understand the influence of Modesto Brocos' work in propagating the whitening ideology, we will address some theoretical aspects of the image as a way to resonate certain ways of thinking and conceiving Brazil. We will focus on the issue of the Wake-up call image, according to Rafael Mangana's concepts. These concepts that the author puts forth will help us understand the effects provoked by the work of the plastic artist Modesto Brocos and his "Redemption of Cam".

**KEYWORDS:** The Redemption of Cam. Whitening Ideology. Racism.

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia na Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (Seduc-MT). Discente de doutorado no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECCO/UFMT). Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea e Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: mauro\_klug@hotmail.com.



## 1 INTRODUÇÃO

A ideologia do branqueamento é uma das principais características do racismo no Brasil, e está na estrutura das relações sociais, atrelada basicamente ao aspecto referencial estético-fenotípico dos brasileiros. As reflexões tecidas neste texto estão focadas na ideologia do branqueamento, e para tal, nos deteremos na obra “A Redenção de Cam” (1895) do artista plástico espanhol Modesto Brocos (1852-1936). Esta obra foi utilizada pelos jornalistas, intelectuais e ideólogos do racismo no final do século XIX e início século XX, como forma de propagandear a necessidade de mudança racial da sociedade brasileira que consideravam demasiadamente negra. Segundo suas crenças racistas, o Brasil não avançava para um patamar elevado de civilidade e desenvolvimento econômico por ser atrasado justamente pela mistura de “raças”<sup>2</sup>.

Tais crenças apoiavam-se em algumas concepções teórico-filosóficas como o positivismo, o darwinismo social, as teorias evolucionistas, a antropologia criminal e a eugenia que eram abertamente aceitas na Europa do século XIX, e que contagiaram os intelectuais, os cientistas e os políticos brasileiros. Nesse período, essas crenças alicerçaram a concepção de identidade nacional, influenciada pelo conjunto das teorias importadas que possibilitaram o surgimento da ideologia do branqueamento.

A imagem da obra “A Redenção de Cam”, serviria, por assim dizer, como uma excelente ilustração e propaganda para os defensores da ideologia do branqueamento. No entanto, antes de nos determos mais demoradamente na questão principal deste texto, a seguir passaremos a compreender de forma mais conceitual o que seria a imagem, sobretudo em relação à *imagem-despertador*, conforme Rafael Mangana pontua. Esta conceituação auxiliará a entender um pouco mais os efeitos provocados pela obra do artista plástico Modesto Brocos e sua “A Redenção de Cam”.

## 2 CONCEPÇÕES ACERCA DA IMAGEM

Para analisar a influência da obra de Modesto Brocos na disseminação da ideologia de branqueamento, abordaremos de forma pontual aspectos teóricos da imagem como veículo de certas ideologias. É crucial salientar que o objetivo aqui não é uma exploração aprofundada dessas

---

<sup>2</sup> Nos referimos ao termo “raça” em uma perspectiva de categorização sociológica. Por isso ele aparece no texto entre aspas.



teorias, mas sim enfatizar, de modo geral, os elementos teóricos que consideramos fundamentais para apoiar nossas reflexões e argumentos.

Assim, França (2017), em seu texto “A questão do tempo na perspectiva pragmatista da comunicação”, aponta que as lembranças movimentam e orientam as percepções daquilo que consideramos real. Nesse caso, há duas ações que entram em operação, realizadas pela memória ao estruturar a percepção. Uma diz respeito ao acionamento da imagem da lembrança, que se soma às imagens da percepção do momento. A outra ação contrai e faz com que haja duração dessas imagens acionadas. Essa dinâmica sempre mobilizada pelas necessidades do presente, sendo este resultado das experiências vividas no passado.

No entanto, o passado e a memória não estão em sincronia simultânea com o presente e o que se vive nele. O cérebro se esforça para simplificar e selecionar as lembranças quando estas são utilizadas no presente (França, 2017). De modo que a consciência, as coisas, o corpo e o espírito têm como ponto de contato fundamental a memória, sendo esta uma virtualidade, que se atualiza em função daquilo que se exige em determinada ação. Ou seja: a nossa percepção atual de certo evento ou situação já contém uma atualização da memória. O acionamento da lembrança do passado é em decorrência da experiência vivida no presente.

Em uma outra perspectiva, Berger (1999) argumenta que as coisas que acreditamos ou as que sabemos afetam a visão da realidade e das coisas, e que o olhar é um procedimento de escolha. O autor acrescenta ainda que: “Toda imagem incorpora uma forma de ver” (Berger, 1999, p. 12). Mesmo incorporando uma certa forma de ver, aponta o autor, o nosso entendimento, nossa apreensão de uma imagem relaciona-se intrinsecamente ao nosso próprio jeito de ver as coisas. Então, em sintonia com Berger (1999), pelo que nos parece, vemos e percebemos a realidade conforme nossas idiossincrasias. A imagem seria passível de interpretação de acordo com as crenças e as ideologias que movem as pessoas. Elas foram feitas também para rememorar as aparências daquilo ou daquele que não está presente. Percebeu-se que a imagem ultrapassava muito a duração daquilo que representava. Evidenciava como uma pessoa ou uma coisa eram antes das mudanças ocorridas. Sobretudo se essa imagem representava algum assunto do passado, depois de transcorrido o tempo, o que fica é a lembrança do assunto materializado na própria imagem.

Segundo Berger (1999), com o passar do tempo, a visão peculiar daquele que produziu a imagem também era incorporada como parte do que foi registrado, por exemplo, em uma tela de pintura. A imagem de algo, torna-se assim, um registro de como o produtor da imagem percebeu o objeto vislumbrado. Ao ver uma paisagem, a pessoa acaba se situando nela também. Acontece

efeito semelhante quando a pessoa vê uma obra de arte do passado, a tendo como ponto de referência para se localizar no período histórico no qual está situado.

Em um enfoque mais didático, Sandri (2016) apresenta um estudo aprofundado da teoria geral da imagem. Discutiremos isso de maneira sumária, sem adentrarmos muitos nos detalhes que a autora investiga. Para ela, conforme a teoria geral da imagem, a natureza que compõe a imagem é constituída por: seleção da realidade, repertório de elementos fáticos e sintaxe.

Tudo que está presente na seleção da realidade de uma imagem e seus elementos são analisados um por um, sempre de acordo com os significados presentes em sua natureza plástica e em suas propriedades específicas. Posteriormente, ao ser apresentado a uma sintaxe, são consideradas as funções bem como o valor de significação inerente ao contexto plástico da composição. No caso da sintaxe, há dois aspectos importantes a serem considerados: o teórico, sempre relacionado aos princípios e na manifestação de ordem da composição; e o prático, conectado a ação de compor, representado a realidade visualmente, que acabam culminando no equilíbrio (Sandri, 2016) perceptivo da imagem.

Para contribuir com nossas discussões acerca da imagem, destacamos aqui a formulação de Mangana (2018) que apresenta um conceito bastante peculiar: a imagem-despertador, que estimula a percepção de tal forma que provoca alterações cognitivas, despertando memórias ocultas no know-how dos conhecimentos conquistados. Simultaneamente, ela cria um esquema cognitivo que operará na seleção e classificação destacando aquilo que é mais importante dentro de uma situação. Isso influencia concomitantemente todos os mecanismos de agendamento e de enquadramento (Mangana, 2018).

Segundo autor, o enquadramento ou framing somente acontece quando há uma combinação de ideias que se estruturam em uma imagem-despertador, e a replicação do framing apenas é possível em relação ao que existe anteriormente. Ele só pode existir conectado a uma associação de ideias e replicado a partir de uma relação com algo que já existiu, tal como ocorre com a imagem-despertador. Para que haja a geração do framing, há outro efeito importante: o priming, que consiste no conjunto de processos de ativação de associação na mente do receptor da informação. Ao se reproduzir haverá um elemento que possibilite a conexão das redes associativas com as memórias daquilo que se viveu. Todo o processo de priming é inconsciente, mas o que o leva a ficar consciente é a imagem-despertador. Estas impactam diferentemente cada receptor, pois há diversas camadas de intensidades e efeitos provocados por elas. A imagem-despertador ao despertar um estímulo causaria no receptor uma percepção que o levaria a identificar-se com a



imagem, ou a situação que ela representa. Além disso ela propicia ao receptor [...] atribuir lógica àquele sobressalto, mediante experiências vividas. Dá-se, então, uma espécie de enigma momentâneo que desperta a atenção” (Mangana, 2018, p. 66).

A imagem-despertador, em última instância, provocaria no receptor um efeito atrasado de espanto. Assim, como nos diz o autor, em um primeiro nível o receptor é instigado imediatamente, e em um segundo nível o susto é causado por associação de referências passadas que configuram significado as experiências, que seria uma imagem-despertador de menor implicação. No entanto, mais tarde, essa imagem-despertador seria ativada se surgisse algum evento que remetesse o receptor a uma situação familiar ou similar que já estaria de antemão gravitando em sua memória.

Corroborando esta concepção, Lotierzo (2017) argumenta que “[...] a imagem, afinal, constrói e possibilita estabelecer relações a partir de convenções formais e qualidades materiais específicas” (Lotierzo, 2017, p. 52).

Após está breve conceituação da ideia de imagem para evidenciar o lugar que marca a nossa posição teórica, passaremos logo a diante à questão da ideologia do branqueamento não perdendo o ponto de contato com a obra de Modesto Brocos.

### **3 IDEOLOGIA DO BRANQUEAMENTO: UM REFLEXO DAS TEORIAS RACIAIS EUROPEIA**

A questão racial no Brasil é histórica e tem suas raízes no pensamento racista que emergiu na Europa nos séculos XVIII e XIX. Foi, contudo, apenas no final do século XIX e início do XX que as teorias racistas europeias passaram a influenciar de maneira mais incisiva o Brasil. Influenciadas por essas teorias, as elites econômicas e brancas brasileiras passaram a ver a população e a cultura nacionais com desconfiança e preconceito, especialmente em relação à cor da pele e à moralidade dos descendentes de africanos.

As filosofias da época que sustentavam as noções racistas incluíam o darwinismo social, o positivismo, as teorias evolucionistas, a eugenia e a antropologia criminal, esta última bastante popular no período. Tais correntes filosóficas eram amplamente aceitas na Europa e acabaram por influenciar os círculos de intelectuais, cientistas e políticos renomados no Brasil. Essas teorias, sobretudo as racistas, moldaram o pensamento social brasileiro, particularmente durante a Primeira República, e foram utilizadas como fundamentos ao refletir sobre a identidade nacional.



É no contexto europeu de debates acerca da questão racial que encontramos as bases para o surgimento da teoria do branqueamento no Brasil, entre o final do século XIX e o início do século XX. No entanto, surge a indagação: o que caracteriza a teoria do branqueamento quando esta se transmuta em ideologia? Quais foram suas influências predominantes? A ideologia do branqueamento refletia um anseio, um projeto ou uma estratégia para o apagamento da herança africana na sociedade brasileira?

Essas são reflexões importantes para entendermos o passado das relações raciais em um contexto temporal e espacial que ainda repercute atualmente.

Ao considerarmos a teoria do branqueamento como uma ideologia, devemos reconhecer que, antes de ser uma visão de mundo, ela se apoiava nas teorias científicas da época, as quais já mencionamos. A ideologia do branqueamento ganhou grande destaque e visibilidade no período que vai do final do século XIX ao início do século XX, refletindo o desejo das elites em 'branquear' o Brasil e eliminar o chamado 'problema negro'. Defendia-se a ideia de que, para alcançar o progresso e a modernização, era imprescindível a superação da herança africana na composição populacional do país.

O país, nessa conjuntura histórica, tinha representantes arraigados a determinadas formas de pensar e conceber o Brasil. Assim, como destaca Lilian Schwarcs (1993), intelectuais tais como Nina Rodrigues e Renato Kehl, muito influentes nessa época, justificavam o atraso que havia na sociedade brasileira relacionado as questões econômicas e sociais. Mas eles acreditavam sobretudo que a principal fonte dos problemas era a excessiva miscigenação da população.

Os intelectuais do passado construíram as fundações do pensamento racial no Brasil, que solidificaram a ideologia do branqueamento. Embora estejamos no século XXI, com avanços econômicos e tecnológicos significativos – embora estes não sejam acessíveis a todos – e enfrentando desafios na educação e na saúde pública, percebe-se que a mentalidade de branqueamento ainda persiste na sociedade brasileira. Isso é evidenciado pelo fato de que, apesar de mais da metade da população brasileira se identificar como preta ou parda, conforme dados do IBGE de 2014, essa diversidade não é proporcionalmente refletida nos meios de comunicação de massa, como na programação da televisão aberta no Brasil. Reconhece-se que as emissoras de TV fizeram progressos na representação racial, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido.

A ideologia do branqueamento não é apenas um resquício de pensamento e aspiração política do passado; ela continua a influenciar as dinâmicas sociais e culturais atuais.



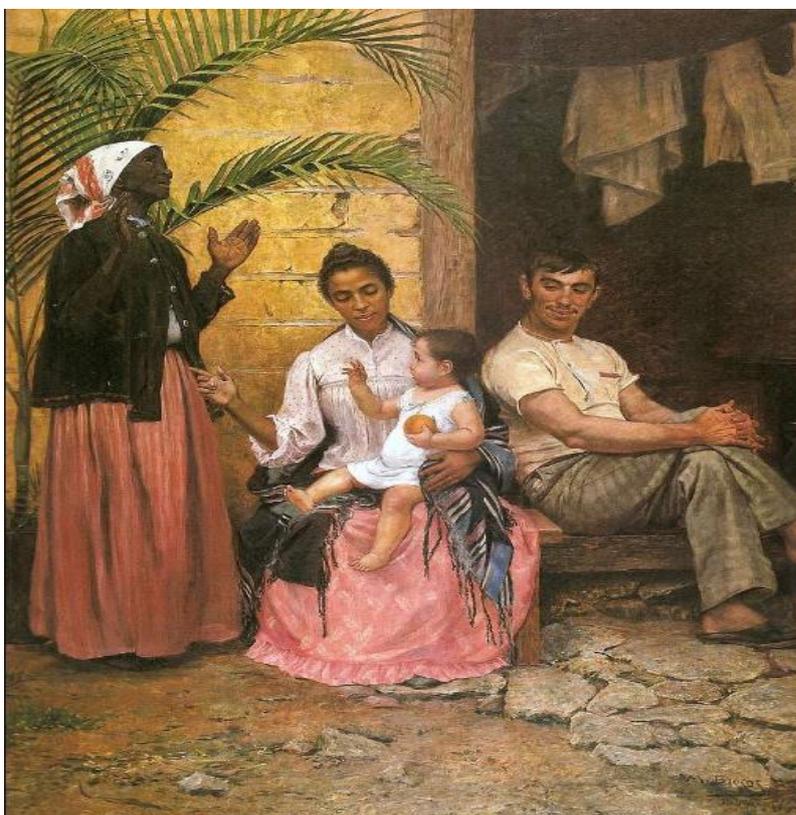
A pintura ‘A Redenção de Cam’ é frequentemente citada como um símbolo dessa ideologia. Esta obra é evocada como uma imagem que desperta reflexões sobre o branqueamento e o desejo histórico de mudança do fenótipo da população brasileira. Seguem-se mais detalhes sobre essa obra emblemática.

#### 4 A REDENÇÃO DE CAM E A IDEOLOGIA DO BRANQUEAMENTO

Modesto Brocos nasceu em 1852 em Santiago de Compostela na Espanha. Mudou-se para o Brasil e naturalizou-se brasileiro em 1890.

Lotierzo (2017) destaca que Modesto Brocos parece ter encontrado em terras brasileiras uma atmosfera inspiradora que despertou o interesse pela temática que adequava as narrativas épicas ou mesmo bíblicas com os tipos humanos existentes na paisagem cultural e social daquele período. Diante disso, seu maior desafio era matizar as diferentes tonalidades de peles e representar da melhor forma as características das diferentes pessoas que deparava.

Imagem 1 – A redenção de Cam, Modesto Barros



Fonte: [jenikirbyhistory.getarchive.net](http://jenikirbyhistory.getarchive.net)



A autora informa que o pintor tinha reconhecimento em seu tempo, e que estabeleceu diálogo com as correntes artísticas existentes naquela época (Lotierzo, 2017).

A obra de Brocos é composta por quatro personagens: no canto esquerdo há uma mulher idosa com tom de pele preta, que está com as mãos levantada para o alto, como se agradecesse em prece por alguma graça alcançada; no centro, uma mulher jovem, com tom de pele parda, e com uma criança branca no colo, que aparenta ser um menino. Sentado no batente de uma porta está um homem branco, parece de ser um português ou italiano, com ares de contentamento olhando para as três pessoas ao seu lado (Maio; Santos, 2004).

Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos (2004) apontam que a senhora com os braços levantados aos céus parece estar em oração por sua filha “[...] ter se casado com um migrante branco e gerado uma criança de tez branca” (Maio; Santos, 2004, p. 62). Em 1911, de acordo com estes autores, a cena reproduzida na tela, foi exibida por João Batista de Lacerda, médico e antropólogo da época, no I Congresso Universal das Raças, cuja intensão era ilustrar suas memórias mestiças do Brasil. Na ocasião representava o governo brasileiro, e “[...] defendia que o Brasil estava no caminho do “branqueamento”: por meio da mestiçagem, seria possível resolver o problema racial brasileiro” (Maio; Santos, 2004, p. 62). Ele chegou a lançar um prognóstico, declarando que por volta do ano de 2010, não haveria mais pessoas de pele negra no Brasil (Maio; Santos, 2004).

Para Carlos Hasenbalg (1979), sociólogo brasileiro, mesmo sendo difícil determinar se o contínuo de cor no Brasil teve como efeito as políticas dos colonizadores portugueses, ou algum mecanismo social que avançou de maneira não intencional, a contar dos impactos e dos limites da colonização, o ideal de branqueamento e a democracia racial brasileira, “[...] são muito claramente os produtos intelectuais das elites dominantes brancas” (Hasenbalg, 1979, p. 238). É importante dizer que o contínuo de cor, na perspectiva de Hasenbalg (1979), seria uma sutil divisão na questão racial entre brancos e negros. O contínuo de cor foi precisamente o elemento de classificação racial que perversamente fragmentou a identidade negra. O autor quer dizer que a diminuição da solidariedade entre os negros, a precária estima por parte dos indivíduos negros em relação a sua própria negritude, “[...] e a cooptação social de lideranças potenciais receberam um maior reforço quando o ideal de branqueamento tornou-se parte do projeto das elites dominantes para transcender o subdesenvolvimento brasileiro” (Hasenbalg, 1979, p. 238).

As elites, formadas por homens brancos e influentes intelectualmente, acreditavam que para o país progredir e se tornar mais próspero, tinha que atacar o problema da mestiçagem e o atavismo



africano. Hasenbalg (1979) nos traz ainda um dado significativo: as próprias pessoas que se manifestavam a favor do abolicionismo, consideravam como ideal a busca pelo branqueamento da população.

E por que se falava em branqueamento nesse período? Como ele se constituiu? Quais são suas bases teóricas ou mesmo estéticas?

Na realidade, esse almejado branqueamento se converteu em uma ideologia, pois entre o final do século XIX e início do XX, as elites brancas incentivaram estudos teóricos e hipóteses científicas, cujas referências estavam calcadas na visão dos estudiosos europeus sobre o tema, para reforçar e ao mesmo tempo alimentar a fantasia de converter o Brasil, na maioria constituído por pessoas pardas e pretas, em um lugar onde as pessoas seriam racialmente mais claras, eliminando assim o fenótipo negro, considerado como algo inferior.

Essa visão da condição racial do Brasil está alicerçada em uma crença ideológica que coloca a culpa do pouco progresso econômico, desenvolvimento cultural e social precários na questão da cor da pele e da herança africana. Mas esconde descaradamente que a exploração colonial e os seus reflexos deixaram marcas profundas na consolidação da sociedade brasileira. Uma dessas marcas é o racismo estrutural que organiza as relações de poder estabelecidas, em que há, quase sempre, a ausência do negro nas disputas pelos espaços de poder.

A tela “A Redenção de Cam” é a memória materializada desse período em que se queria mudar a tonalidade da pele dos brasileiros para ficarem semelhantes aos seus colonizadores. João Batista de Lacerda (1846-1915), médico e antropólogo, estava convicto que os imigrantes europeus que chegavam no Brasil aos montes possibilitariam, dentro de um século, o clareamento da população pela miscigenação com a população local.

## **5 A TELA “A REDENÇÃO DE CAM” COMO IMAGEM-DESPERTADOR: UM SÍMBOLO DA IDEOLOGIA DO BRANQUEAMENTO**

A cena representada na tela “A Redenção de Cam” seria uma lembrança do passado que aciona o presente das relações raciais, demonstrando o desejo de branqueamento como elemento que opera as relações sociais em todos os níveis no Brasil.

Haveríamos de perguntar: a obra de Modesto Brocos é uma imagem-despertador? Seria algo que traz à tona um velho desejo que subjaz no inconsciente dos brasileiros?



Em sintonia com Mangana (2018), Lotierzo (2017) argumenta que a memória é marcadamente constituída pelo visual, sendo ativada pelas sensações. A autora se reporta ao conceito desenvolvido por Boris Wiseman, de imagens agentes, que são as formas que guardariam e ativariam a memória focadas nos campos sensorial e cognitivo. A imagem se moveria, por assim dizer, em um espaço imaginário que reteria as aprendizagens possibilitando a ativação de sentimentos adormecidos pelos órgãos dos sentidos, pelo corpo e pelo pensamento.

A obra faz parte de uma tradição visual que, nesse caso, ilustra e ativa os preconceitos em relação as pessoas negras. Ela é uma síntese de um conjunto de memórias adormecidas que ao se defrontarem com a tela despertam o velho desejo de branqueamento.

A ‘imagem-despertador’, conforme definido por Mangana (2018), é um recurso que agita a memória coletiva e chama a atenção para questões específicas. Um exemplo proeminente, discutido por Mangana, é a trágica fotografia do jovem sírio Aylan Kurdi, cujo corpo foi encontrado em uma praia turca em setembro de 2015 após um naufrágio. A família de Aylan estava fugindo do conflito na Síria, em busca de uma vida melhor na Europa.

Antes dessa comovente imagem vir a público, já havia ocorrido inúmeras mortes de refugiados, as quais, aparentemente, não haviam mobilizado a opinião pública da mesma maneira. No entanto, a disseminação da imagem de Aylan provocou uma onda de comoção e sensibilização em escala internacional, não se limitando apenas à Europa, mas sensibilizando pessoas por todo o mundo. A fotografia da criança morta é realmente emblemática e chocante. Chama a atenção para a fragilidade e os cuidados que a infância requer. Apenas para ficarmos nesses aspectos. A memória, nesse caso, é ativada, e certamente para muitas pessoas a imagem da criança desfalecida naquela praia remete as lembranças das fotografias de crianças nos campos de concentração na Alemanha nazista e das que vivem em condições degradantes em alguns países africanos vítimas dos conflitos locais e da fome.

Em relação à tela “A Redenção de Cam”, operaria um outro despertar. Enquanto a fotografia do menino sírio morto na praia mobilizaria as pessoas para a solidariedade e a empatia, a obra de Modesto Brocos, por outro lado, despertaria o desejo e um ideal a ser alcançado. Veja bem, estamos evidenciando aqui que as duas imagens têm um princípio em comum: ativam a memória das pessoas emocionalmente. Na época que a tela do pintor espanhol estava em destaque representava a materialização de uma perspectiva de mudança social e racial defendidas por muitos que acreditavam nessa possibilidade.



Hoje, o que representaria “A Redenção de Cam”? Ela teria a mesma força simbólica do passado? As pessoas acreditam ainda no branqueamento da população brasileira?

Infelizmente o branqueamento convertido em ideologia segue entranhado na sociedade. É fácil perceber isso nas propagandas de televisão, nas telenovelas, nos espaços de poder e, de modo geral, nos materiais didáticos da educação básica. Mas é importante fazer uma ressalva: houve avanços na questão racial no Brasil, por exemplo, a implementação das cotas raciais e a criação da Lei 10.639/2003 que instituiu o ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino do país. Até mesmo as propagandas comerciais têm mais pessoas negras atuando.

A questão do branqueamento está interligada com a problemática do conceito de “raça”, que os ideólogos do passado usam para justificar suas crenças racistas. Flores e Melo (2014), destacam em suas pesquisas uma apresentação do geneticista Sérgio Danilo Pena e do historiador José Murilo de Carvalho, para um debate que envolveu a evolução vigente da genética e da história. Segundo as autoras, o geneticista contesta o conceito de “raça” como maneira de classificação dos brasileiros, enquanto o historiador condenou o conceito determinista da história. O foco da análise das autoras centra-se no que o geneticista argumenta. Isso contribui para compreender a ideologia do branqueamento que perpassa a obra “A Redenção de Cam”.

De acordo com Flores e Melo (2014), o geneticista Sergio Danilo Pena fundamenta seus estudos das características genéticas da sociedade brasileira em pesquisas de longa data realizadas desde a década de 1995. O método empregado por ele consistiu no exame do cromossomo Y que tem um traço transferido de pai para os filhos homens, e do DNA mitocondrial que repercute da mãe para toda a prole. Isso seria uma espécie de máquina do tempo biológica capaz de reconhecer a cooperação de brancos, negros e indígenas para a conformação do quadro genético dos brasileiros (Flores; Melo, 2014).

No ano de 2000 o geneticista publicou “Retrato Molecular do Brasil”, um artigo que revela os resultados genéticos de 147 pessoas brancas, sendo apontados que 60% delas tinham a matrilinearidade indígena e africana em brasileiros brancos (Flores; Melo, 2014, apud Pena, 2000).

Passados quatro anos, em 2004, Sérgio Danilo Pena e Maria Cátira Bortolini publicam um artigo em coautoria evidenciando que os afrodescendentes constituem número bem maior do que aqueles que visualmente se podem identificar. São cerca de 146 milhões de pessoas geneticamente afrodescendentes. A pesquisa também mostra que há uma proporção expressiva de pessoas negras que carregam ancestralidade europeia oriunda da carga genética recebida dos pais. Por outro lado,



a pesquisa demonstrou que algumas pessoas que se declararam brancas apresentavam ancestralidade negra, recebida por parte das mães (Flores; Melo, 2014, apud Pena; Bortolini, 2004).

Ao analisarmos a ideologia do branqueamento com base nos conhecimentos genéticos atuais, percebemos o quanto o homem branco do passado estava equivocado. Movido por suas crenças preconceituosas fundadas na aparência e na convicção de que eram superiores aos demais segmentos étnicos e raciais, tendo como um dos pressupostos para justificar sua posição social a cor da pele.

Nessa perspectiva, Jessé Souza (2021) afirma que a ideologia do branqueamento que ocorre no Brasil tem um traço peculiar fundado em duas dimensões: integra os racismos de classe e de “raça”. Segundo o autor, ambas dimensões não podem ser pensadas separadamente.

Na realidade ao se pensar as classes sociais atrelada à pobreza já se imagina qual seria a cor da pele das pessoas que a compõem. Pobreza no Brasil é um efeito racial causado pelo racismo estrutural.

Conforme as pessoas vão acendendo socialmente, pelo menos isso é uma característica do racismo no Brasil, elas vão embranquecendo. Talvez, por isso a ideia de que “A Redenção de Cam” seja tão emblemática no sentido de apresentar não apenas o branqueamento da cor da pele, mas também o branqueamento em relação a classe social. As classes mais pobres, em que há uma maior concentração de pessoas negras, sofrem com os efeitos do racismo e com todo tipo de mazelas sociais fabricadas para deixar suas vidas ainda mais difíceis.

A obra de Modesto Brocos, apesar de não ter tanta projeção atualmente, está eternizada como um símbolo ideológico do desejo de branqueamento da população brasileira. Felizmente as coisas não são mais como no passado. Há inúmeros estudos denunciando as ideias que estão ativas nessas imagens. A imagem-despertador que “A Redenção de Cam” mobilizou desencadeia certamente todo um aparato de enfrentamento ao racismo e suas consequências sociais.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A obra “A Redenção de Cam” foi explorada como propaganda de um ideal fantasioso a ser alcançado por médicos, antropólogos, cientistas, jornalista e diversos intelectuais do início do século passado em que queriam tornar o Brasil uma cópia, mesmo que aproximada, da Europa. Não se sustenta mais o ideário que alimentavam. No entanto, a ideologia do branqueamento está vigente com nova roupagem e dinamismo. A imagem-despertador que a obra de Modesto Brocos



representa não é mais a única a propagar a ideologia do branqueamento. Os programas televisivos, as propagandas e os espaços de poder são meios de circulação dessa ideologia que retroalimenta o racismo estrutural no qual o branqueamento é parte integrante.

Para na sociedade brasileira um desejo subjacente desse ideário racista fruto da história racial do país, em que o fenótipo branco é sempre correlacionado com o ideal de beleza, de riqueza, de prosperidade e de valores ético-morais. Por outro lado, o negro é sempre vinculado aos aspectos de pobreza, ao fracasso, a violência, a devassidão sexual e considerados fenotipicamente sem os atributos da beleza aos moldes europeus.

A obra “A Redenção de Cam” representa uma espécie de passagem, em que o negro, retratado na figura da senhora com as mãos erguidas para os céus, agradece em prece que o netinho, filho de um europeu com sua filha negra, estará livre da marca da cor adentrando no mundo dos não-negros.

Por fim, a ideologia do branqueamento, que foi ilustrada na obra do pintor espanhol, Modesto Brocos, alimenta, de certa forma, o imaginário social contemporâneo, na depreciação da cultura, da religião, do fenótipo e da capacidade intelectual e moral da população negra.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

BERGER, John. **Modos de ver**. Trad. Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FLORES, Maria Bernardete Ramos e MELO, Sabrina Fernandes. **A libertação de Cam: discriminar para igualar. Sobre a questão racial brasileira**. In: *Identidades brasileiras: composições e recomposições*. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 31-86. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/h5jt2/pdf/rodrigues-9788579835155-04.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

FRANÇA, Vera Veiga. **A questão do tempo na perspectiva pragmatista da comunicação**. Aula Inaugural proferida junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGCOM/UFOP) em 3 de maio de 2017. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/Missoes/article/view/2756/266>. Acesso em: 20 maio 2022

HASENBALG, Carlos Alfredo. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Trad. Patrick Burglin. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.



HOFBAUER, Andreas. **O conceito de “raça” e o ideário do “branqueamento” no século XIX – Bases ideológicas do racismo brasileiro.** 2003. Disponível em:

<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/57/47>. Acesso em: 22 jun. 2022

HOFBAUER, Andreas. **Branqueamento e democracia racial: sobre as entranhas do racismo no Brasil.** Disponível em:

[http://andreashofbauer.files.wordpress.com/2011/08/branqueamento-e-democracia-racial\\_final3adssima\\_2011.pdf](http://andreashofbauer.files.wordpress.com/2011/08/branqueamento-e-democracia-racial_final3adssima_2011.pdf) . Acesso em: 26 jun. 2022

LOTIERZO, Tatiana. **Contornos do (In)visível: racismo e estética na pintura brasileira (1850-1940).** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

MAIO, Marcos Chor. SANTOS, Ricardo Ventura. **“Qual “retrato do Brasil”? Raça, biologia, identidades e política na era da genômica”.** Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/mana/v10n1/a03v10n1.pdf> . Acesso em: 08 jun. 2022.

MANGANA, Rafael. **Aylan Kurdi como imagem-despertador da crise dos refugiados: o enquadramento da imprensa ibérica.** 2018. Disponível em: <http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/ec/article/view/455> . Acesso em: 25 maio. 2022

SANDRI, Tammie Caruse Faria. **Teoria geral da imagem e a produção de sentidos: modelo aplicado à recepção.** Porto Alegre, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Jéssé. **Como o racismo criou o Brasil.** Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

Enviado em: 27/10/2023

Aceito em: 26/01/2024